



PRÁTICAS LÚDICAS PEDAGÓGICAS FORA DO AMBIENTE ESCOLAR

ROSA, Jéssica Danieli Ramos da¹; LEÃO, Rosaura Albuquerque²

Palavras- chave: Câncer infanto-juvenil; Ludicidade; Representação social.

Introdução

Este trabalho busca investigar a intervenção de atividades lúdico-pedagógicas com crianças debilitadas (com encenações, jogos, construindo ou dramatizando pequenos textos) para que, por meio da descontração esqueçam-se dos problemas de saúde enfrentados durante o período de internação no setor de Hemato-Oncologia do Hospital Universitário de Santa Maria – HUSM. Portanto, justifica-se a presente pesquisa com crianças do HUSM como uma maneira de tentar proporcionar uma melhor qualidade de vida e de tornar “melhor” o tempo em que estão hospitalizadas, além de proporcionar um ambiente em que elas possam estar aprendendo com atividades lúdicas. Usaremos a expressão professor “simbólico”, pois esta é uma função que o professor, simbolicamente, está assumindo num ambiente hospitalar e em condições especiais em que a criança é portadora de enfermidade grave, e nosso aluno de “especial”, pois está em um processo aprendizagem fora do ambiente escolar. As intervenções tiveram início no Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM) RS, em abril de 2010. As práticas são realizadas semanalmente através de oficinas lúdico pedagógicas, com duração aproximada de duas horas tendo como público dezoito crianças de quatro a treze anos, que alteram o seu tempo de internação.

Analisamos que o ritual lúdico vai fazendo com que as crianças esquematizem ou desenvolvam um sentido simbólico, evocando a consciência de um “fazer de conta”. Assim, o que elas esquematizam, se reproduz em forma de símbolos, internalizando tudo em sua mente, obtendo uma imagem representativa ao desligar-se do real para o imaginário em que tudo é possível de acontecer e de se realizar. Ao construir significados, ao apreciar o mundo e nele agir objetivamente através daquilo que vimos, ouvimos, praticamos e reproduzimos, estamos fazendo uso das representações que construímos sobre as coisas que regem nossa reação com o mundo e com os outros. Representar, ou mesmo se representar, corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto, que pode ser uma pessoa, uma coisa, uma idéia, uma teoria, tanto real quanto imaginário ou mítico.

¹ Acadêmica do Curso de educação Especial da Universidade Federal da Santa Maria (UFSM)
danieliramos1@hotmail.com

² Professora Dr^a do departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM
rosaura.albuquerque@gmail.com



Não há representação sem objeto, toda representação social é a representação de alguma coisa e de alguém que orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Em outras palavras, as representações são sempre de um sujeito sobre um objeto, e nunca reproduções deste objeto: são interpretações da realidade que corrobora com que afirma Jovchelivitch:

são as mediações sociais, em suas mais variadas formas, que geram as representações sociais ... elas são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transforma cada um individualmente (1995, p.81).

Nesse sentido, todo o estudo da representação passará por uma análise de características ligadas ao fato de que ela é uma forma de conhecimento que foi internalizado, ou melhor, toda a função psíquica, de qualquer indivíduo que seja, como a representação, é externa antes de ser internalizada. Assim, qualquer forma de representação é, num primeiro momento, a forma de representação do grupo ao qual o indivíduo pertence, e, num segundo momento, a representação é a expressão de um sujeito que busca remeter-se à representação social aceita pelos membros de seu grupo quanto aos usos dos objetos do mundo.

A representação não é somente função de uma convenção arbitrária ou daquilo que cada um de nós pode pensar individual ou privadamente, mas também é o resultado de uma prática social apreendida dentro de um determinado contexto sócio-histórico. Por seu modo, a criança, através de sua inserção em um dado contexto cultural, de sua inserção com membros de seu grupo e de sua participação em práticas sociais historicamente construídas, incorpora ativamente as formas de comportamento já consolidadas na experiência humana (BORIN, 2007). Jodelet (2001) acrescenta que a representação social constitui-se a partir das experiências, dos conhecimentos, das informações e dos modelos de pensamentos transmitidos, cotidianamente, através da tradição, educação e comunicação social.

Metodologia

Este trabalho é composto por pesquisa bibliográfica nos autores relevantes para dar fundamentação teórica para a pesquisa descritiva em que se salienta estudar as características de um grupo de pessoas – crianças internadas no setor de Hemato-Oncologia do HUSM - por meio de observação sistemática, práticas lúdicas pedagógicas e entrevista com os agentes do processo.



A população e a amostragem de nossa pesquisa são todas as crianças internadas no CTCriac do HUSM. Para esse setor do Hospital são destinados 18 leitos, ou seja, sete (07) quartos ocupados por dois (02) ou três (03) pacientes que ficam internados para o tratamento do câncer e a maioria das patologias são leucemia, púrpura e tumores sólidos. O tempo de internação varia conforme o caso e o tratamento, em média de um mês no início do tratamento a uma ou duas semanas durante o tratamento.

As atividades são desenvolvidas pelas alunas (os) participantes, sempre sob a coordenação da Professora Orientadora, que reúne os pacientes em uma sala apropriada do setor para que as alunas possam desenvolver o trabalho lúdico com todos os pacientes. Em caso, de algum paciente, devido ao tratamento, não puder se deslocar para essa sala, as alunas irão até ele para desenvolver, da melhor maneira possível, as atividades lúdicas.

A coleta dos dados é através da aplicação de uma entrevista com os alunos-especiais (pacientes internados), com as mães-responsáveis pelos pacientes e com o professor-simbólico que irá contar histórias num ambiente contrário à sala de aula.

Serão realizadas duas entrevistas com os agentes envolvidos no desenvolver do projeto depois de interpretadas qualitativamente às respostas dadas, organizando um quadro comparativo - a representação de professor e aluno escolar e a representação de professor e aluno fora dos padrões escolares. A partir disso, discutiremos e analisaremos as respostas/dados dos agentes envolvidos apoiados na literatura pertinente. Não serão usados dados estatísticos, pois é uma pesquisa qualitativa com análise das respostas da entrevista, uma análise interpretativa.

A pesquisa passou pelo **Comitê de Ética da UFSM** respeitando o direito do paciente quanto aos aspectos éticos da pesquisa, à confidencialidade dos dados e à garantia de liberdade da retirada de consentimento de deixar a participação no estudo.

Discussão e considerações parciais

Através da coleta dos dados obtidos até o momento, podemos observar que as representações são as mais variadas. A mãe da criança A (39 anos) diz o seguinte: “Eu vejo a professora na escola como quem auxilia na educação do nosso filho, no crescimento, no desenvolvimento além de educar é uma coisa maravilhosa. Aqui no hospital é maravilhoso, pois além da parte pedagógica elas desenvolvem brincadeiras, atuam como pessoas, como seres humanos, como companhia, como amigo, é um todo, há um carinho entre eles um vínculo muito grande, o meu filho só quer as professoras e quando elas não vem é triste”. Na fala da criança A “As professoras da Hora do Conto são bonitas, brincam, contam histórias”



Analisamos que as representações, ao serem internalizadas, passam a expressar a relação do sujeito com o mundo e, ao mesmo tempo, a situá-lo nesse mundo. As representações fornecem pontos de referência pelos quais uma pessoa se comunica com outra, permitindo-lhe situar-se e situar seu mundo num processo de socialização, lugar em que se dá a internalização de formas estabelecidas. Nessa perspectiva, a representação do professor – na escola – é o que ensina, ministra aula, avalia conhecimentos, o aluno – na escola – é o aprende, soluciona problemas e é avaliado e a figura da mãe ou responsável é que fica atenta ao cumprimento das tarefas. Já, em relação ao nosso *corpus* de trabalho, o professor-simbólico – contador de histórias - é o que está assumindo uma função num ambiente diferente que na sala de aula e em condições especiais em que a criança é uma portadora de enfermidade grave, nosso aluno-especial – criança debilitada pela doença – é uma criança em um processo de tratamento, fora do ambiente escolar e a mãe do aluno especial que cuida, zela e protege no processo de internação.

No relato da criança B (13 anos) “(...) a professora na escola é mais ou menos bom, dão aula tudo assim, não explicam direito. Já com as gurias do hospital é tudo contrário, explicam direito, se interessam gosto das atividades”.

Conclusão

Esperamos que com este trabalho atentássemos para ações lúdicas ou pedagógicas com estas crianças que estão afastadas do convívio social. Além de contribuir para reflexões a cerca da importância deste tipo de trabalho Os resultados obtidos até o momento foram satisfatórios, ficando claro como uma atividades, uma conversa, uma brincadeira que nos parece simples é muito significativa e faz a diferença para eles.

Referências

BORIN, M. A . **As representações de escrita do professor de português do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado, UFSM, 2004.

FREITAS, M. T. de A. ; COSTA, S. R. (orgs). **Leitura e escrita na formação dos professores**. Juiz de Fora: UFJF, 2002.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.